

Ciências Humanas: Afeto, Poder e Interações



Natalia Colombo
(Organizadora)

 **Atena**
Editora
Ano 2020

Ciências Humanas: Afeto, Poder e Interações



Natalia Colombo
(Organizadora)

Atena
Editora
Ano 2020

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecário

Maurício Amormino Júnior

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremonesi

Karine de Lima Wisniewski

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande

Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília

Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Livia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior

Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecário Maurício Amormino Júnior
Diagramação: Maria Alice Pinheiro
Correção: David Emanuel Freitas
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadora: Natalia Colombo

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

C569 Ciências humanas [recurso eletrônico] : afeto, poder e interações / Organizadora Natalia Colombo. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-457-3

DOI 10.22533/at.ed.573200710

1. Ciências humanas – Pesquisa – Brasil. I.Colombo, Natalia.

CDD 300

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

O primeiro volume de “Afeto, Poder e Interações” transita entre as temáticas relacionadas aos direitos humanos, democracia, cidadania, racismo, migrações e territórios.

Dialéticas Marxistas dão base para análises da prática profissional do serviço social, violação dos direitos humanos como meio de compreensão do fenômeno da pobreza (e os desafios do exercício da cidadania por pessoas em situação de rua) e práticas educativas apoiadas nos direitos humanos para a convivência com a diversidade no ambiente escolar. Colaboram, também, com as análises voltadas a um projeto educacional aplicado como ferramenta para que crianças se assimilem aos lugares de resistência ancestral de forma positiva; e sobre a relação da juventude com a alienação política. Precedendo a observação sobre como a formação continuada docente colabora com a promoção de mudanças metodológicas no ensino e, por consequência, nas mudanças de aprendizado.

Na sequência, relações de poder de ideologia patriarcal e as lutas das mulheres abrem espaço para os debates feministas e os papéis de esteio feminino nas sociedades – desde debates revolucionários à temáticas de saúde pública e autocuidado.

Performance e psicologia analítica são abordados na construção do personagem fictício e aplicados em projetos de combate à violência contra a mulher.

Reflexões de caráter antropológico e a contextualização da origem da imprensa alternativa homossexual são apresentados para o entendimento sobre a percepção de sujeitos gays negros frente à sociedade.

Além da compreensão de uma perpetuação de um estereótipo embranquecido – pano de fundo para o marketing de empreendimento imobiliário na formação do imaginário social na cidade de São Paulo.

Os capítulos finais abordam o estigma social, preconceito e desvalorização humana de profissões relacionadas à coleta de lixo; além do recorte local de um processo migratório global causador do aumento da população vulnerável em todo o planeta.

Na esteira das relações migratórias de fronteira, apresentamos como as representações sociais de identidades culturais podem reforçar, de maneira positiva, identificações entre nações.

Trata-se ainda, sobre o multiculturalismo e peculiaridades do campo; sob análises do processo histórico no qual o conceito de propriedade se cunhou; territórios e resistências na construção de comunidades e sobre a luta e libertação do colonialismo.

Natalia Colombo

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
SERVIÇO SOCIAL E TEORIA MARXIANA: HISTÓRIA, SUPERAÇÕES E CONTINUIDADES Nathália Pereira Prado Solange Fernandes DOI 10.22533/at.ed.5732007101	
CAPÍTULO 2	16
A DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS E OS PROCESSOS DE VIOLAÇÃO A PARTIR DO CONTEXTO DA PESSOA EM SITUAÇÃO DE RUA Gustavo Júnior Andrade dos Reis Robert Henrique Sousa Dantas Paulo Sérgio Araújo DOI 10.22533/at.ed.5732007102	
CAPÍTULO 3	25
DIREITOS HUMANOS E DIVERSIDADE NA ESCOLA MUNICIPAL ALDENIRA NUNES NO MUNICÍPIO DE FLORIANO-PI Sandra Muniz Vieira DOI 10.22533/at.ed.5732007103	
CAPÍTULO 4	38
REVERBERANDO O LUGAR DA PEQUENA CRIANÇA NEGRA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM DIÁLOGO POSSÍVEL ATRAVÉS DO PROJETO: AFRICANIDADES E BRASILIDADES Marivania Xavier Cavalcanti Costa DOI 10.22533/at.ed.5732007104	
CAPÍTULO 5	49
PROTAGONISMO JUVENIL OU ALIENAÇÃO: DILEMAS DO COTIDIANO E INTERAÇÕES NO CAMPO POLÍTICO José Silon Ferreira Aloisio Ruscheinsky DOI 10.22533/at.ed.5732007105	
CAPÍTULO 6	62
ESTUDO SOCIOINTERACIONAL DO DISCURSO DE PROFESSORES DE PORTUGUÊS DA REDE PÚBLICA DE ENSINO DO DF EM CURSO DE FORMAÇÃO CONTINUADA Vera Lúcia Godinho Carneiro DOI 10.22533/at.ed.5732007106	
CAPÍTULO 7	73
APONTAMENTOS SOBRE PATRIARCADO, MOVIMENTOS FEMINISTAS E DIREITOS DAS MULHERES CUBANAS PÓS-REVOLUÇÃO Rita de Cassia Krieger Gattiboni Rosângela Angelin DOI 10.22533/at.ed.5732007107	

CAPÍTULO 8	85
SAÚDE E SABERES DAS MULHERES EM CONTEXTO RIBEIRINHO	
Priscila Freire Rodrigues	
Lígia Costa de Sousa Nogueira Martins	
DOI 10.22533/at.ed.5732007108	
CAPÍTULO 9	101
NÓS - TEATRO DAS OPRIMIDAS E A (DES) NATURALIZAÇÃO DAS VIOLÊNCIAS CONTRA AS MULHERES	
Michelle dos Santos Lomba	
DOI 10.22533/at.ed.5732007109	
CAPÍTULO 10	116
O MUNDO ÍNTIMO DOS ARTISTAS: SANIDADE OU LOUCURA SOB O VIÉS JINGUIANO	
Andréa Hamminni Pires da Silva Avila Franquetto	
Carla Barcelos Nogueira Soares	
João Carlos de Aquino Almeida	
DOI 10.22533/at.ed.57320071010	
CAPÍTULO 11	128
QUESTÕES DE (DES)GOSTO: NOTAS REFLEXIVAS SOBRE MASCULINIDADE, NEGRITUDE, HOMOSSEXUALIDADE E AFETO	
Vinicius Luis Pires Queiroz	
DOI 10.22533/at.ed.57320071011	
CAPÍTULO 12	140
A EUGENIA NA CIDADE DE SÃO PAULO ENTRE OS ANOS DE 1988-1990 ATRAVÉS DO JORNAL “FOLHA DE SÃO PAULO”	
Bolají Alves Matos de Paula Xavier	
DOI 10.22533/at.ed.57320071012	
CAPÍTULO 13	151
O CANTO DAS SEREIAS: IMAGENS DO HABITAR NA CIDADE DE SÃO PAULO SOB O CAPITALISMO FINANCEIRO	
Maria Fernanda Andrade Saiani Vegro	
Fábio Lopes de Souza Santos	
DOI 10.22533/at.ed.57320071013	
CAPÍTULO 14	167
O GARI E O CATADOR COMO TRABALHADORES <i>OUTSIDERS</i> E A ESTIGMA SOCIAL	
Kayo Henrique Duarte Gameleira	
Thallys Emanoell Pimenta de Freitas	
Ailton Siqueira de Sousa Fonseca	
DOI 10.22533/at.ed.57320071014	

CAPÍTULO 15.....	180
REFUGIADOS NA AMÉRICA LATINA: REFLEXÕES SOBRE O MOVIMENTO MIGRATÓRIO DOS VENEZUELANOS PARA O BRASIL	
Lucelaine dos Santos Weiss Wandscheer	
Flávia Candido da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.57320071015	
CAPÍTULO 16.....	194
A REAFIRMAÇÃO DO ESTEREÓTIPO DA AMIZADE URUGUAIO-BRASILEIRA NO TELEJORNALISMO E NO IMAGINÁRIO FRONTEIRIÇO	
Roberta Brandalise	
DOI 10.22533/at.ed.57320071016	
CAPÍTULO 17.....	208
IMPLICÂNCIAS E SILÊNCIOS DA HISTÓRIA EM RELAÇÃO AO LINGUAJAR CAMPEIRO: APONTAMENTOS PRELIMINARES	
Manoel Adir Kischener	
Everton Marcos Batistela	
Airton Carlos Batistela	
Mariza Rotta	
DOI 10.22533/at.ed.57320071017	
CAPÍTULO 18.....	226
A PROPRIEDADE DA TERRA ENTRE OS SÉCULOS XVI E XIX NA HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA	
Lorenzo Giovanni Gava	
Eleide Abril Gordon Findlay	
DOI 10.22533/at.ed.57320071018	
CAPÍTULO 19.....	234
GEOGRAFIA, TERRITÓRIO E QUILOMBOS: OS DESAFIOS NO DEBATE DAS COMUNIDADES REMANESCENTES DE QUILOMBOS	
Maria Pricila Miranda dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.57320071019	
CAPÍTULO 20.....	244
PROCESSO REVOLUCIONÁRIO NA ÁFRICA LUSÓFONA: AMÍLCAR CABRAL E O MOVIMENTO DA LUTA DE LIBERTAÇÃO NACIONAL DE GUINÉ-BISSAU E CABO VERDE	
Cam-naté Augusto Bissindé	
DOI 10.22533/at.ed.57320071020	
SOBRE O ORGANIZADOR.....	260
ÍNDICE REMISSIVO.....	261

PROCESSO REVOLUCIONÁRIO NA ÁFRICA LUSÓFONA: AMÍLCAR CABRAL E O MOVIMENTO DA LUTA DE LIBERTAÇÃO NACIONAL DE GUINÉ-BISSAU E CABO VERDE

Data de aceite: 01/10/2020

Cam-naté Augusto Bissindé

Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

RESUMO: Este artigo tem como objetivo principal abordar o processo da luta de libertação nacional da Guiné-Bissau e Cabo Verde a partir do pensamento de Amílcar Cabral e outros líderes dos países lusófonos com relação ao colonialismo. Quando estudante em Lisboa, Cabral aderiu ao movimento anticolonialista e, regressando a Guiné-Bissau como engenheiro agrônomo, percorreu todas as aldeias, deixando simples questionamentos que promoveram a adesão expressiva da população ao movimento da luta de libertação nacional. Na sequência, ele fundou o Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC), que desempenhou ao longo de uma década a resistência contra as forças portuguesas. A guerra de libertação nacional de Guiné Bissau e Cabo Verde foi caracterizada pela colaboração entre povo e os guerrilheiros do PAIGC, contando inclusive com forte participação feminina. Buscando segurança para enfrentar as forças portuguesas, Cabral refugiou-se na Guiné Conacri, instalando ali a base do PAIGC. Antes do país alcançar sua independência de Portugal, Amílcar Cabral foi assassinado na sede do próprio partido, em janeiro de 1973. Em setembro do mesmo ano o país proclamou a independência de forma unilateral e, um ano depois, em outubro de 1974,

Portugal reconheceu a independência dos dois países.

PALAVRAS-CHAVE: Amílcar Cabral, Guiné-Bissau e Cabo Verde, PAIGC, luta de libertação nacional.

ABSTRACT: This article has like the main objective to approach the process of national liberation struggle of Guinea-Bissau and Cape Verde, from thought of Amílcar Cabral and others leaders of lusophone countries, relative to colonialism. While still student in Lisbon, Cabral joined anticolonial movement, and return to birth country Guinea-Bissau as the agronomist engineer, travelled all village letting simple questions that promoting the expressive adherence of people in national liberation struggle movement. In the sequence, he founded the african party for independence of Guinea-Bissau and Cape Verde, what performed the resistance against the portuguese force by decade. The liberation struggle of Guinea -Bissau and Cape Verde was achieved by collaboration between people and guerilla of PAIGC, counting with participation of women. Searching the safety to confront portuguese force, Cabral taken refuge in Guinea-Conakry, setting up the base of PAIGC, before the country achieved his independence from Portugal, Amílcar Cabral was killed at the clubhouse of his own party in january 1973. In september of the same year the country proclaimed the independence by unilateral form, year on, in october 1974 Portugal recognized the independence of these two countries.

KEYWORDS: Amílcar Cabral, Guinea-Bissau and Cape Verde, PAIGC, National Liberation

Struggle.

INTRODUÇÃO

Alguns estudos científicos apontam que em cada passagem de uma geração para outra acontecem muitas mudanças na comunicação, vestuário, preferência, e até nos cardápios. De acordo com Azevedo (2012), a relação entre gerações permite a transformação e a reconstrução da tradição no espaço dos grupos sociais. A transmissão dos saberes não é linear; ambas as gerações possuem sabedorias que podem ser desconhecidas para a outra geração, e a troca possibilita vivenciar diversos modos de pensar, de agir e de sentir, e assim, renovar as opiniões e visões acerca do mundo e das pessoas. As gerações se renovam e se transformam reciprocamente, em um movimento constante de construção e desconstrução.

A modernidade começou com o famoso período denominado de Renascença, na qual os seres humanos começaram a interpretar o cotidiano diferentemente dos antepassados. As transformações sociais humanas são acompanhadas sempre da evolução do sistema. O capitalismo foi introduzido e desenvolvido ao passar das diferentes gerações. Este sistema econômico apresenta quatro fases diferentes: pré- capitalismo, capitalismo comercial, industrial e financeiro ou monopolista (ARRUDA, 1980, p. 11). As fases foram desenvolvidas de acordo com o modo de viver das pessoas de épocas diferentes.

O século XX se caracteriza pelo capitalismo industrial, que exigia a concorrência das indústrias europeias para disputar a hegemonia em sentido geral. Era necessária a expansão territorial, para a busca de fontes fornecedoras de matérias primas para sustento das indústrias metropolitanas.

Essa nova fase da transformação do capitalismo induziu a mudança de pensamento do ser humano. O imperialismo se tornou o suporte mais famoso para sustentação do capitalismo industrial. O domínio da periferia pelo centro tornou-se evidente, e certos povos perderam valor na sociedade mundial. Este artigo, porém, demonstra a luta incessante de Amílcar Lopes Cabral, que ao longo de sua vida decidiu combater essa realidade que se opunha aos direitos desses povos oprimidos. O objetivo principal deste manuscrito é fazer você pensar profundamente sobre a determinação de um homem que no ponto de vista material tinha muita necessidade de ajuda para enfrentar esse grande sistema mundial, e do regime autoritário de Salazar. Emocionalmente Amílcar revestiu de ousadia e coragem, mesmo sem nada, tinha plena certeza que a vontade é que faz uma pessoa triunfar objetivos.

Dos estudos universitários à visão da luta

Na época colonial dos impérios europeus, a África era um mero espaço da expansão territorial, mercado consumidor e fornecedor dos recursos necessários para atividades

industriais das metrópoles. A concorrência imperialista foi flagrada fortemente nos espaços africanos, o território era de vital importância. O império português apresentava fragilidade econômica em relação aos demais impérios, seus espaços coloniais não floresciam e a educação foi limitada apenas até o nível primário, tanto que os estudantes da colônia dependiam de bolsa de estudos para seguir a formação superior na metrópole. Portugal não criava condições para uma educação ou algo que deixaria a população mais saudável nas suas colônias africanas, mas sim buscava empregar a todo custo algo que beneficiaria seus interesses - como construções de rodovias e portos para escoamento dos produtos (WALLERSTEIN, 2005).

A chegada de Amílcar Cabral em Lisboa foi a estudo, aliás, o futuro líder não compreendia o sistema do colonialismo numa forma integral quando ainda vivia na colônia. Mal chegado em Portugal, concretamente em Lisboa, inscreveu-se no Instituto Superior de Agronomia (ISA), onde cursou o referido curso durante cinco anos.

Ao longo desse período, ele frequentava a Casa de Estudantes do Império (CEI), onde podia encontrar colegas vindos de outras colônias portuguesas, como Agostinho Neto, Mário Pinto de Andrade, Marcelino Dos Santos e Vasco Cabral, que mais tarde se tornariam companheiros dos movimentos revolucionários ainda em Portugal. No ano letivo 1948 a 1949, Amílcar foi contemplado com o prêmio Mello Gêraldes, atribuído ao aluno melhor classificado na disciplina de tecnologia colonial, (INEP, 1988, p.15; CASSAMA, 2014).

As transformações que ocorreram ao longo da primeira metade do século XX desencadearam e intensificaram vários movimentos, entre eles a luta contra o domínio imperial, o movimento negro nos Estados Unidos, o racismo contra negros na Europa, criaram campos favoráveis para o desenvolvimento do pensamento africano em busca da sua identidade e de resgate dos seus valores. O surgimento do pan-africanismo seria de vital importância na construção do pensamento dos futuros líderes africanos que ao longo do século incendiaram o sistema internacional através das lutas de libertação nacional nas colônias. Amílcar Cabral como membro e morador da CEI, aderiu ao pensamento anticolonial (negritude) vindo da França.

É nessa perspectiva que os estudantes do império criaram o Centro de Estudos Africanos (CEA), visando estudar e conhecer a África partindo de suas próprias concepções, e ajudaram os membros a se reconhecerem enquanto negros africanos inseridos num contexto colonial (CASSAMA, 2014, p. 43). Amílcar Cabral e os demais companheiros começaram a transpirar um sentimento de patriotismo, que ao longo do tempo veio a ser colocado na prática, difundindo esse sentimento anticolonial para toda região de Guiné e Cabo Verde, e mais tarde na Angola, Moçambique e São Tomé e Príncipe. Enquanto estudante em Portugal, Cabral criou o Partido Africano para a Independência (PAI). Concluiu a sua formação em 1950, e seguiu com estágio obrigatório para a obtenção do título de engenheiro agrônomo até 1952. Em 1953 Cabral regressou para Guiné-Bissau, onde liderou uma comissão de estudos dos solos e levantamento de informações do

processo produtivo.

Aproveitando a ocasião, Cabral circulou toda a província e, na medida em que passava em cada território, ia questionando o povo sobre suas condições de arcar com impostos, sua disposição para ceder metade do cultivo ao governo e sobre o tanto de energia dispensada pelas famílias no processo de produção. Questionamentos aparentemente simples, mas que faziam o povo pensar além do que se possa imaginar. A abordagem de Cabral, que não partia da tentativa de impor ideologias ao povo ou difamar o sistema de domínio colonial, menos ainda lhes atrair por meio de algo material, propunha reflexões ao povo para que delas partissem suas decisões.

A liberdade que o povo precisava era manipulada pelo uso da força do poder português.

Quando a palavra “livre” e “liberdade” são aplicadas a qualquer coisa diferente de um corpo, trata-se de um abuso da linguagem, pois o que não está sujeito ao movimento também não está sujeito a impedimentos. Portanto, quando dizemos, por exemplo, que o caminho está livre, não significa liberdade do caminho, mas daqueles que o percorrem sem impedimentos (HOBBS, 2014 p. 170).

A ideia de Hobbes dialoga com a realidade imperial da época, pois as pessoas eram livres para praticar a produção, mas a colheita era desfrutada pelo governo imperial. Foi nessa linha de pensamento que Cabral foi lançando fundamentos de pensamento anticolonial para vários grupos étnicos instalados no país. Ao fim de seu trabalho do campo, ele havia persuadido boa parte da população da Guiné-Bissau a se posicionar contra o domínio imperial em seu território e de Cabo Verde. Em 1953 surgiu movimento anti-imperialista que criou tensões entre o governo português e o povo. Três anos mais tarde, em 1956, foi recriado o Partido Africano para a Independência de Guiné-Bissau e Cabo Verde (PAIGC), antes conhecido como (PAI).

Estratégia da luta armada

Segundo Meneses (2010), o desencadeamento do imperialismo europeu no continente africano criou uma evolução repressora dentro da sociedade africana, e de não reconhecimento da civilização do povo colonizado. A África em finais do século XIX e início do século XX, representou uma nova fase no contexto mundial, tanto como espaço de vital importância para resolução da crescente disputa e rivalidade entre superpotência europeu, quanto como espaço estratégico para a projeção do poder além fronteira nacional. De acordo com Meneses (2010),

A projeção da força europeia nos finais do século XIX e início do século passado podem ser compreendidos como um resultado do imaginário do povo europeu colonial, que pela sua definição considerou o povo africano como súbdito situado eternamente num estado de subalternância do povo europeu (MENESES, 2010).

Na perspectiva dos colonizadores, o modelo de civilização ocidental era o que o resto da humanidade precisava alcançar. Segundo Aimé Césaire (2010, p. 8-9), raça justifica a criação de três compartimentos geográficos – a Europa “branca”, a Ásia “amarela” e a África “negra”, tendo na civilização europeia o modelo “correto” de vida. Tais conceitos e o racismo alastraram-se rapidamente, ao passo que, considerados incivilizados, africanos e asiáticos tiveram as suas histórias e seu modo de viver desconsiderados. A realidade foi distorcida e a história contada de maneira diferente, a partir da perspectiva supremacista do homem branco sobre toda a raça humana, levando o restante dos povos a viver em condições subalternas ao povo europeu. Meneses fala sobre as tendências do homem branco europeu para com o resto do mundo (principalmente no contexto africano):

Libertar os indígenas da barbárie, transformá-los em seres mais evoluídos ao ensinar-lhes os tempos da modernidade, preenchendo lhes o seu mundo ‘vazio’ com os saberes da civilização transformou-se no grande objectivo da missão colonial. A moderna colonização justificava-se, nas palavras dos teóricos da ideologia colonial, não apenas pela necessidade de exploração de novos territórios, mas, e principalmente, para que ocorresse “uma acção civilizadora sobre as pessoas” (MENESES, 2010.)

O povo africano sofreu a humilhação europeia. O regime Salazarista, em particular, foi extremamente fundamentado e direcionado aos fins coloniais, ou seja, Portugal tinha uma percepção de que os territórios conquistados além-mar pertenciam a ele. A presença portuguesa no território da Guiné-Bissau e Cabo Verde difundiram o espírito do racismo, discriminação e abnegação da cultura local, desvalorizando-a em prol do enaltecimento do modelo ocidental de civilização. O colonialismo promove a discriminação do povo dominado, como se pode constatar nas palavras de Cabral, “O colonialismo é a negação do processo histórico do povo dominado, por meio da usurpação violenta da liberdade e do processo de desenvolvimento das forças produtivas” (CABRAL *apud* ABADIA, 2017).

As viagens de Amílcar Cabral pelo interior do continente africano trouxeram-lhe uma porção de experiências para a condução do processo revolucionário. Ele participou da conferência de Bandung¹, na Indonésia entre 18 e 24 de abril de 1955, que envolveu 29 países africanos e asiáticos, com o objetivo de criar uma relação de mercado terceiro mundista e coordenar uma oposição contra a dominação imperial. Em 1957, o líder de Guiné-Bissau e Cabo Verde participou da Conferência de Solidariedade com do movimento anticolonial feita em Paris. No quadro dessa conferência Amílcar Cabral encontrou com Mário de Andrade e António Agostinho Neto para formar o Movimento Anticolonial (MAC), que visava discutir as estratégias para derrubada do regime colonial português. Em 1958, Cabral participou da conferência popular *All African* (Todos os Africanos), ocorrida em

1 BANDUNG: é uma cidade indonésia onde ocorreu a conferência dos Estados afro-asiáticos, em 18 e 24 de Abril de 1955. Essa conferência congregou 29 Estados afro-asiáticos com objetivo de promover uma cooperação econômica e cultural respeitando os perfis de ambos continentes. Também buscou fazer frente ao que na época se percebia como atitude neocolonialista, das duas grandes potências, Estados Unidos e a antiga URSS, bem como as nações europeias influentes que exerciam a função do imperialismo na África e na Ásia. Fonte: Acesso em: 15/04/2019.

Accra (Gana), organizada por Kwame Nkrumah com objetivo de coordenar apoios aos movimentos de libertação das nações africanas, e unir diferentes alas de movimentos de libertação em toda África. Em 1960 enquanto na Tunísia, ele e companheiros estabeleceram a Frente Revolucionária Africana de Independência Nacional das colônias portuguesas ou (FRAIN). A FRAIN foi criada para coordenar as estratégias e iniciativas do PAIGC e do MPLA (Movimento Popular para a Libertação de Angola), contra o colonialismo português. No ano seguinte, em Marrocos, Cabral ajudou a organizar a Conferência das Organizações Nacionalistas das Colônias Portuguesas, (CONCP), que visava substituir a FRAIN e incluir o FRELIMO (Frente da Libertação de Moçambique), e MLSTP (Movimento para a Libertação de São Tomé e Príncipe), com mesmo objetivo primordial. Em seguida, no ano de 1963, Cabral e o movimento da libertação abriram fogo e deu início a luta armada na Guiné-Bissau.

As Principais Causas Da Revolução

O processo revolucionário contra o imperialismo europeu foi encarado de maneira diferente em algumas regiões da dominação europeia, levando em conta a própria realidade que a sociedade vivia. No continente africano, diferentes regiões conduziram o processo de descolonização de diferentes maneiras. Os países da colônia francesa e inglesa, de modo geral, operaram uma revolução baseada na diplomacia, na qual as suas independências foram alcançadas por intermédio diplomático. As independências do Senegal e da Guiné-Conacri, países vizinhos da Guiné-Bissau, por exemplo, não envolveram processo da luta armada. Antes de cogitar esta opção, os dirigentes dos respectivos países buscaram chegar a um acordo através da chamada Confederação do Mali, assinada em 1959 entre Burkina Faso, Daomé, (atual Benin), Senegal e Mali. Evitando um abrir fogo contra os franceses, tais países propuseram ao governo do presidente francês, De Gaulle, a concessão da independência de forma pacífica.

Na Guiné-Bissau a história colonial se deu de forma diferente, como diferente era a forma de colonização portuguesa em relação à da França e do Reino Unido. Apesar de o imperialismo ter a mesma finalidade - a de explorar recursos e impor novas regras civilizatórias aos outros - ainda seus processos são diferentes. Portugal, um país periférico que apresentava lesões econômicas dentre os imperialistas, com instituições políticas e econômicas decadentes, encarava o colonialismo como algo de vital importância, ou seja, a necessidade de manter as colônias era grande. Logo, buscava-se manter a ocupação colonial a todo custo. O objetivo sempre foi de manter sob seu controle todas as áreas territoriais além-mar. O imperialismo português era conduzido de forma extremamente dura, havendo forte repressão das sociedades coloniais.

Numa comparação com a colonização belga, por exemplo, a portuguesa apresentava deficiências marcantes. O poderio lusitano prevaleceu com grande êxito desde o século XVI até o final do século XIX, porém no começo do século XX Portugal sua estrutura

como potência declinou. Portanto, o regime implementado nas suas colônias foi precário, sem nenhuma vantagem à sociedade local. A Bélgica contribuiu para a então colonizada sociedade congoleza construindo hospitais, escolas, rodovias e trilhos, consoante a necessidade do dia a dia daquela sociedade, ao passo que Portugal desenvolveu em suas colônias somente o que era de interesse primordial, desconsiderando a necessidade das sociedades coloniais (WALLERSTEIN, 2005).

Causas Imediatas

A presença de colonizadores portugueses na Guiné-Bissau deixou fortes marcas de violência na memória da sociedade guineense. O uso da força e a imensa repressão era evidente em todos os territórios africanos de domínio português. Na Guiné-Bissau, no entanto, essa realidade foi ainda mais dura. Em 03 de agosto de 1959 ocorreu o chamado Massacre de Pindjiquiti. Estivadores e marinheiros do porto de Bissau, em serviço da casa Gouveia², reivindicavam aumentos salariais e melhores condições de trabalho, o que levou à realização de greve por parte dos funcionários e à paralisação do serviço. O administrador António Barbosa Carreira aceitou a reivindicação, mas não fez caso de solucionar a questão. Ele afirmou que ia amenizar o problema e acabar com greve quando lhe fosse conveniente, contribuindo ainda mais para o prolongamento da mesma.

Ao longo desses dias de greve, os funcionários iam para o local de serviço com a expectativa de que tudo poderia voltar a funcionar com o atendimento de suas reivindicações, mas não trabalhavam. Dezenas de funcionários foram assassinados e centenas feridos. Os mortos oscilaram entre 40 a 70 pessoas. Os números são imprecisos, pois muitos corpos nunca foram achados.

O ato do massacre foi contestado pela sociedade em geral, sendo a causa imediata para o desencadeamento da luta armada. Foi precisamente este massacre que acabou dando a maior dinâmica ao nacionalismo guineense, abrindo uma contagem decrescente para o início da luta armada (TAVARES, 2009, p. 9).

O PAIGC desde a sua criação em 1956 tinha vivenciado atrocidades do regime português no seio da população, sem no entanto contestar a violência. À época, o PAIGC encontrava-se ainda desestruturado do ponto de vista financeiro e bélico para enfrentar as tropas portuguesas.

Amílcar Cabral compreendeu e demonstrou que não se podia esperar por alguém para nos defender. Deveríamos começar com o que tínhamos e então, naturalmente, surge o apoio necessário, ou como no ditado em crioulo “si alguim na labau costa, i bom pa bu pata laba bariga” (“se alguém está lavando suas costas, é melhor você ir lavando a barriga”).

2 Empresa de pesca que funcionava no porto de Pindjiquiti.

APOIO AO MOVIMENTO REVOLUCIONÁRIO DO PAIGC

Apoio interno

O início da guerra contra o imperialismo português envolveu toda a sociedade, a colaboração entre o povo e os guerrilheiros foi mantida num laço de harmonia conjunta, onde as famílias contribuíam com suporte alimentar para manter os combatentes nas matas. Metade das colheitas de cada família camponesa era destinada ao movimento revolucionário. Além de apoio econômico, a sociedade colaborava em manter segredo das zonas de esconderijo dos guerrilheiros. Em certas situações, algumas aldeias eram usadas para esconder os guerrilheiros. Civis informavam as tropas do PAIGC com antecedência sobre supostos ataques dos portugueses. O interessante a ser observado aqui é a postura de liderança e poder persuasivo de Amílcar Cabral, que no tom das suas palavras, angariava a simpatia do povo que convergia em um único objetivo, mesmo sendo o povo guineense etnicamente diverso.

Quando as tropas portuguesas descobriram que a população civil estava envolvida na guerra de forma indireta, muitas aldeias foram destruídas com bombardeamentos, e alguns chefes de famílias foram presos pela suspeita de manter a colaboração com o PAIGC. Também destruíam plantações e colheitas, deixavam algumas famílias desalojadas, sem abrigo e sem alimento, considerando que só assim poderiam acabar com a resistência, e agravar a insuficiência no suporte alimentar dos guerrilheiros.

Cabral possuía uma forte relação de admiração para com a sua mãe, Iva Pinhel Évora, quem criou a ele e seu irmão sozinha. A guerra de libertação nacional de Guiné-Bissau e Cabo Verde foi caracterizada por uma imensa colaboração entre povo e os guerrilheiros do PAIGC, especialmente as mulheres, que desempenharam papéis cruciais e importantes ao longo da luta. Envolviam-se em tarefas que iam desde o apoio com suprimentos e alimentação das tropas, até atuação como informantes ou mesmo pegando em armas. Uma destas guerrilheiras foi Titina Silá, que, aos 18 anos, aderiu à militância PAIGC e, em 1963, fez estágio político na então União Soviética e, quando retornou à Guiné-Bissau, treinou 95 mulheres para a guerrilha, “detalhando quais eram as razões da luta e porque deveriam combater contra a dominação europeia (portuguesa) na ocasião de seu país” (AFRICANAS, 2017). Seu legado incentiva ainda hoje o movimento de mulheres de Guiné-Bissau na conquista de espaços na sociedade.·

Apoio Externo

A determinação de Cabral o levou a alcançar alguns apoios internacionais, tais como o da Cuba e da antiga União Soviética (URSS), entre outros, que apoiaram o partido de maneira indireta ao longo da luta armada. Cuba foi especialmente parceira no processo revolucionário africano, prestando importante apoio. De acordo com Pereira (2016), esse apoio cubano pode ser entendido como resultado da revolução cultural em

Cuba, que permitiu a oferta de ajuda aos países africanos e o envolvimento nos processos revolucionários, bem como nas guerras, sem que isso abalasse a coesão interna e a ideologia revolucionária.

Amílcar Cabral teve um encontro com Che Guevara³ quando este visitou os países africanos que estavam em dificuldades para levar adiante o processo revolucionário. Nas palavras de Pereira:

Em 1964, Che Guevara foi para África em uma iniciativa que mostrou mais claramente o interesse cubano na região. A ideia de que a revolução na África era iminente diante da instabilidade em Angola, em Moçambique, em Guiné-Bissau, no Congo e no Zaire, fez com que os cubanos acreditassem na importância de estabelecer uma política africana (Pereira, 2016).

Posteriormente ele encontrou-se com Fidel Castro, o então presidente de Cuba, em busca de financiamento de materiais bélicos e logísticos para manter a guerra contra os portugueses. Cuba não só enviou instrutores e médicos para o PAIGC como também concedeu bolsas de estudos para a formação dos quadros do partido em Cuba. A chegada de equipamentos militares cubanos e o apoio soviético de gêneros alimentícios bem como a formação de médicos, deram grande vantagem ao Partido, e levou o movimento à conquista de algumas zonas do território nacional, e, conseqüentemente, o PAIGC criou dificuldades para o exército português.

A divergência interna do PAIGC e a influência do PIDE

A luta armada para a independência da Guiné Bissau e Cabo Verde iniciou-se oficialmente no dia 23 de janeiro de 1963, num suposto ataque ao aquartelamento militar português, do setor de Tite, no sul do país, numa operação feita na tentativa de surpreender os soldados portugueses. **Um grupo de guerrilheiro do PAIGC dirigiu o ataque pela madrugada com tiroteios que duraram meia hora e culminaram na morte de uma pessoa e dois feridos das tropas portuguesas.**

Nos primeiros cinco anos da luta armada, havia uma aparente harmonia no seio do PAIGC. Prevalecia o sentimento patriota de dar a própria vida se necessário fosse para a libertação do jugo colonial. Porém, no decorrer dos anos sessenta começaram a aparecer algumas indagações a respeito da razão da luta. Dentro do PAIGC formou-se uma corrente de oposição que defendia a luta da independência de maneira negociada. A principal razão do surgimento desse pensamento deve-se à comparação com os países vizinhos, Senegal e Guiné-Conacri, que por vias pacíficas conseguiram alcançar suas independências. Portanto, questionava-se o seguinte: por quê que o mesmo método aplicado no processo da independência do Senegal e da Guiné-Conacri não poderia ser encarado para o caso da Guiné-Bissau e Cabo Verde, sendo que o objetivo era o mesmo?

³ Ernesto Rafael Guevara de La Serna, mais conhecido como Che Guevara, foi um famoso revolucionário socialista do século XX. Argentino, nasceu na cidade de Rosário em 14 de junho de 1928. Faleceu em 9 de outubro de 1967, na aldeia de La Higuera (Bolívia).

O grupo hegemônico, porém, continuava a acreditar na visão do Cabral, isto é, de que a independência só poderia ser alcançada através da luta armada. Ainda acreditava-se que o pensamento do grupo que favorecia a visão do Cabral tinha um entendimento explícito de que a realidade que se vivia no Senegal e na Guiné-Conacri era diferente daquela vivida na Guiné-Bissau. O objetivo poderia ser o mesmo, mas o que importava era como realizá-lo. A França e Portugal apresentaram processo de colonialismo diferente um do outro. De acordo com Andrade (2018), a França, apesar de chegar mais tarde na conquista colonial, demonstrou um colonialismo desenvolvimentista com relação às suas colônias.

A disputa ideológica no seio do partido crescia na medida em que a confiança e a credibilidade minguavam. Uma casa dividida não prevalece de pé, a divisão interna de uma casa torna a maior chance do inimigo conseguir penetrar e destruir tudo que está dentro dela. A instabilidade interna do PAIGC deu chance para a PIDE criar uma rede de caça para o líder do partido. Além da divergência interna, havia uma divisão entre as frentes de libertação do PAIGC e da Frente de Libertação Nacional de Guiné (FLING). Este último foi criado por um cidadão nacional cujo nome era François Mende, radicado no Senegal, que teve objetivo de empregar as revoltas na zona norte do país, uma vez que a zona sul era ocupada pelo PAIGC. O interessante a destacar aqui seria a falta de coordenação dos ambos, sendo que o objetivo era tornar a Guiné-Bissau e Cabo Verde independentes da ocupação colonial portuguesa.

A morte de Amílcar Cabral

A morte de Amílcar Cabral está cercada de mistérios, e até hoje há desconhecimento. O inquérito de sua morte não conseguiu obter veemência e clareza. À época, algumas testemunhas, pessoas mais próximas de Amílcar Cabral, afirmaram nas entrevistas feitas após sua morte que os assassinos de Cabral eram membros do PAIGC, residentes em Bissau, a cidade onde se encontravam aparelhos burocráticos de administração do Estado e a maior parte dos contingentes militares portugueses.

Amílcar Cabral residia em Conacri, capital da guiné francesa (Guiné-Conacri). No dia 20 de janeiro de 1973, por volta de 22h30, chegou um grupo de homens armados na sua casa, porém Amílcar não estava no momento. Quando chegou ao local, foi surpreendido por alguns homens com cordas e espingardas prontas apontadas em sua direção. O objetivo não era matá-lo, mas sim prendê-lo e entregá-lo às autoridades portuguesas em Bissau. Amílcar, recusou ser amarrado e levado preso, o que culminou em seu assassinato.

Após a morte do Amílcar Cabral, especulou-se sobre quem seriam os envolvidos e que contribuíram para o assassinato. O ex-presidente da república de Senegal, Léopold Sédar Senghor, acusou o presidente de Guiné-Conacri Ahmed Sékou Touré, de ter sido a pessoa que orquestrou o plano da morte de Amílcar Cabral, através de contato com as forças portuguesas instaladas em Bissau. Segundo essa acusação, o SékouTouré já não

conformava com os princípios da condução da luta armada que Cabral estava levando e, além disso, havia divergências entre Sékou Touré e o líder do PAIGC. A suspeita é de que o presidente da Guiné-Conacri teria a intenção de anexar o território de Guiné-Bissau e Casamansa (região sul de Senegal), com objetivo de cumprir seu ambicioso projeto denominado de Grande Guiné (CASSAMA, 2014, p.79). Amílcar foi o principal opositor dessa ideia.

No dia primeiro de fevereiro de 1973, Sekou Touré ordenou uma cerimônia fúnebre do corpo de Cabral no estádio 28 de setembro em Conacri. No decorrer do discurso do presidente no ato cerimonial, defendeu-se das acusações sobre envolvimento na morte do líder guineense. Por fim ele ainda mandou prender os dirigentes do PAIGC suspeitos de envolvimento no assassinato. Depois da cerimônia, o corpo do líder foi trasladado para a fortaleza da Amura, atual quartel general da Guiné-Bissau, lugar onde todos os presidentes nacionais mortos foram sepultados. Abriu-se um inquérito para descobrir realmente a origem da morte que se mostrou inconclusivo.

A proclamação da independência e o primeiro governo nacionalista nos moldes socialista e leninista

Guiné-Bissau foi a primeira nação africana de ocupação portuguesa a alcançar independência como um país soberano. No último balanço anual feito pelo partido para analisar o efeito da guerra, Amílcar Lopes Cabral proferiu um discurso onde, analisando a condução da guerra, concluiu que o balanço da luta foi positivo.

Tudo parecia indo para melhores condições, mas a morte de Amílcar Cabral em janeiro de 1973 cria a incerteza dentro do PAIGC com relação ao projeto nacional do país após a independência. O destino parecia indefinido, e eram necessários novos líderes para dar continuidade à luta. Nove meses após a morte de Cabral, em 24 de setembro de 1973, o PAIGC declarou de forma unilateral a independência de Guiné Bissau e Cabo Verde (ou seja, sem o reconhecimento de autoridade portuguesa). A proclamação foi realizada em Lugajole, Madina de Boé, no centro-leste do país, pela Assembleia Nacional Popular (ANP), na pessoa do João Bernardo Vieira, um dos combatentes do PAIGC.

Um ano mais tarde, após a **Revolução dos Cravos de 25 de abril de 1974** em Portugal, o governo português, já enfraquecido por pressão interna, realizou uma declaração oficial de reconhecimento da independência de Guiné-Bissau e Cabo-Verde como países soberanos no dia 10 de Setembro de 1974. A cerimônia de entrega de poder do governo português para o PAIGC foi realizada no setor de Cacine, região de Tombali, sul do país. De modo geral, a proclamação da independência da Guiné-Bissau e Cabo Verde apresentou duas datas diferentes, mas de acordo com a Constituição da República, a data reconhecida foi de 24 de setembro de 1973 para ambos.

Já com a soberania garantida, o PAIGC seguiu as normas de uma democracia centralizada. Declarou-se como um partido único e democrático com bases nos princípios

socialistas e leninistas.

O centralismo democrático é o modo como um partido revolucionário se organiza, e pode ser definido como um sistema de organização interna na qual as bases do partido descentralizam para manter certa expansão e monopólio de informação (CASSAMA, 2014, p.75). A liberdade de expressão era condicionada aos padrões do PAIGC, que monitorava informações através de sua central de inteligência.

Após a proclamação da independência, a administração interna do partido elegeu Luís Cabral, o irmão mais novo do Amílcar Cabral, que também foi um dos fundadores e idealizadores do partido, como o primeiro presidente da República de Guiné-Bissau.

Do governo Luís Cabral ao golpe de Estado militar

Luís Cabral nasceu em Bissau, no dia 11 de abril de 1931, meio irmão de Amílcar Lopes Cabral e também fundador do PAIGC. Luís Cabral foi um contabilista de formação, e acompanhou o irmão mais velho durante toda a revolução contra o domínio português, sendo ele a figura mais próxima de Cabral tanto nas idealizações do processo revolucionário quanto nas tomadas de decisões no seio de PAIGC.

Após a declaração unilateral de independência da Guiné-Bissau, o PAIGC declarou a subida de Luís Cabral ao cargo de presidente da república guineense em 1973, durando até 1980, quando foi derrubado por um golpe de Estado. Ao longo do período de seu mandato, Luís Cabral conseguiu trazer para perto o desenvolvimento, que era a maior expectativa do povo.

A disputa entre leste e oeste global da Guerra Fria tem prevalecido fortemente e a conjuntura internacional na década de 1970 favorecia muito os países de terceiro mundo, principalmente os da África. A conquista de território na região foi de vital importância para difusão de sistemas em pauta. Os Estados Unidos tanto como a União Soviética viam a África como uma região estratégica. O desejo de manter a influência no continente permitiu que a África se beneficiasse de grandes investimentos vindos dos Estados Unidos e da antiga União Soviética, num período que foi denominado “de ouro” aos países africanos (TAYLOR, 2010).

A Guiné-Bissau era apoiada pela União Soviética, a China e países do norte da Europa como, por exemplo, a Suécia. Todos os apoios vindos dos países amigos eram aplicados para o desenvolvimento do país, tanto que, até hoje, muitos guineenses elogiam a era Luís Cabral. No período que se estende de 1973 a 1980, o país chegava certo patamar no processo de desenvolvimento nacional, a economia crescia na média, e todos os setores eram aproveitados para gerar o crescimento. Ao longo de sete anos do seu mandato a Guiné-Bissau era principal fornecedora de alimentos da sub-região. Além disso, havia a montadora do carro Nghaié, algumas fábricas de transformação de produtos agrícolas, etc. Em 14 de novembro de 1980, Luís Cabral sofreu um golpe de Estado militar que, Sá (2010), vai chamar de movimento reajustador, no qual Luís Cabral foi acusado de

organizar facções para dominar o partido, com acusações de fuzilamento dos combatentes que lutaram do lado dos portugueses. Luís Cabral foi acusado ainda de ter ordenado a abertura de valas nas matas de aldeia de Cumeré, Portogol e Mansaba, aprovado pela ordem de João Bernardo Vieira, que assumiu logo o cargo do presidente da república.

Foi preso durante um ano e um mês, quando depois foi exilado em Cuba, e posteriormente governo português garantiu seu exílio em Portugal em 1984, onde permaneceu até a sua morte em 30 de maio de 2009, no distrito de Torres, na cidade de Lisboa em Portugal.

Com a ascensão de João Bernardo Nino Vieira ao poder, se iniciou uma fase chamada de “ditadura militar na Guiné-Bissau”. O sistema era totalmente centralizado com maior rigor e perdurou mais de uma década. Muitas vidas foram ceifadas nesse período, e de 1980 a 1994, a sociedade em geral sofreu uma repressão muito forte, e ninguém tinha direito ou liberdade de questionar a política do governo, existia um único partido: o PAIGC. A Guiné-Bissau sentia-se lesada com este regime ditatorial, tudo que havia sido almejado e implantado na “era” Luís Cabral foi destruído pela má gestão do aparelho de Estado.

O sintoma da crise de União Soviética e do mundo nos anos 1980 reduziu investimentos e apoio aos países africanos, e a África em geral começou a sentir a crise, que gerou fome em proporção muito grande. A Guiné-Bissau foi fortemente atingida pela **década perdida**, abalada pela fome e pelas epidemias. A centralização do poder foi extinta somente em 1994, devido a incapacidade do PAIGC em responder às necessidades da sociedade. Segundo Carvalho, “a ordem existente, representada pelo partido único, já não respondia às necessidades de consolidação e desenvolvimento institucional do Estado guineense e a sua substituição era necessária e natural (2016, p. 66). Ocorreu, em 1994, pela primeira vez na história do país, as eleições pluripartidárias. A eleição foi vencida pelo PAIGC de forma duvidosa. O resultado importava o povo, mas o que mais importava a sociedade em geral não era a invencibilidade do PAIGC mas sim a descentralização do poder e aceitação da democracia.

A guerra civil e a queda do João Bernardo Nino Vieira

Desde a guerra anticolonial do PAIGC contra o regime português, a guerra civil de 1998, conhecida também como a Guerra de Sete de Junho, foi a maior catástrofe que o país já passou na sua história. A guerra teve origem no desentendimento entre presidente da república, João Bernardo Nino Vieira e o então general das forças armadas, Ansumane Mané. Vieira afastou Mané do cargo, através de um decreto presidencial, sob a acusação de envolvimento de que este teria envolvimento com o tráfico de armas (fornecendo armas de fogo para os rebeldes de Casamansa). O general Mané não só refutou as acusações do presidente, como ainda considerou inaceitável a forma arbitrária da sua demissão. Em decorrência disso, Mané constituiu uma junta militar para enfrentar o presidente da república, o que culminou numa guerra civil entre 1998 e 1999, com 11 meses de duração.

O presidente, no entanto, chamou em seu auxílio às tropas de Senegal e de Guiné-Conakri, respaldado por acordos de assistência militar assinados por eles. A maior parte das tropas de Guiné-Bissau juntou-se ao general Mané. A guerra foi sangrenta, resultando em aproximadamente dois mil mortos, sendo grande parcela de civis. Foram várias tentativas de cessar fogo sem sucesso. O governo e a junta militar só chegaram a um senso quando ambas assinaram o acordo de Abuja. O acordo assinado em Abuja continha alguns pontos polêmicos, que dificultaram a manutenção do mesmo, que não perdurou por muito tempo; ambas as partes desobedeceram algumas cláusulas, o que os levou de volta à guerra até o exílio em Portugal de Nino Vieira (JAUARÁ, p. 4).

A junta militar venceu, assim, a guerra e proclamou a vitória do general contra o presidente, o declínio do poder do João Bernardo Nino Vieira foi flagrante. Sem mais opções, Vieira seguiu para o exílio em Portugal em maio de 1999.

A guerra perdurou onze meses, iniciou-se em sete de junho de 1998 e terminou em maio de 1999. Foi criado um governo de coalizão; o então presidente de Assembleia Nacional Popular (ANP) Malam Bacai Sanha, assumiu a presidência da república como presidente interino com Francisco José Fadúl como primeiro ministro. Ambos asseguraram o país até as eleições gerais de novembro do mesmo ano, que culminou com a vitória absoluta de Dr. Kumba Yalá à presidência da república (JAUARÁ, p. 3).

CONCLUSÃO

Os grandes pensadores e idealizadores mundiais do século XX contribuíram para o desenvolvimento de um mundo pós-moderno. Os cientistas, os inventores das tecnologias e entre outros, deixaram legados importantes nas sociedades, construindo um mundo novo. Existiriam, também, pessoas e conflitos importantes que, pela força da ignorância e do racismo herdados do colonialismo, não assumiram a mesma “fama” mundial que outros ao norte global. Estas pessoas, porém, lutaram por causas justas, e importantes para a construção de uma sociedade livre, de pessoas livres, deixando não só legados históricos mas dando também suas próprias vidas em prol dos seus povos, de um futuro melhor para a geração vindoura.

Ao longo deste artigo, foi descrita a vida e obra de Amílcar Cabral da forma sintetizada, mostrando o legado mais importante que ele tem deixado não só para a sociedade de Guiné-Bissau e Cabo Verde, mas para o mundo em geral. As suas obras lhe concedem espaço no cenário internacional, sendo uma das grandes figuras revolucionárias que marcaram a história do século XX. Amílcar Cabral foi um dos revolucionários com visão ampliada, que almejava a libertação total da África. Tanto que envolveu-se para além de sua nação, auxiliando outros países da África portuguesa, como foi o caso de Angola.

A morte de Cabral deixou o vazio no seio da sociedade guineense. Apesar dos companheiros de luta conseguirem alcançar o objetivo da independência, desperdiçaram

a capacidade de construir e consolidar um Estado forte, capaz de atender à necessidade do povo. Um carro não consegue deslocar de um sítio para outro, sem primeiro cada peça que o compõe seja alocada no seu respectivo lugar. Amílcar exortava camaradas que estavam do seu lado ao longo da luta de que “após a independência, nem todos nós seremos chamados de líderes, aliás, somos iguais e temos mesmo direito, mas a liderança exige a competência de quem pensa rápido para resolver o problema do povo”.

A questão da busca do poder a todo custo em Guiné-Bissau já existia quando Amílcar Cabral estava vivo. Com sua morte, tudo que foi idealizado por ele para uma Guiné melhor foi sepultado junto do seu corpo, e a promessa feita ao povo foi esquecida no abismo das ilusões. A luta foi vencida e a independência foi conquistada, mas o povo ainda está sob o jugo de líderes vaidosos, corruptos, e sanguinários, que esqueceram por completo a razão da luta. As peças estão alocadas em lugares errados, os parafusos estão desapertados, e as rodas inseguras para o movimento; a viatura, porém, cheia de combustível, mas sem o suplemento para andar. A querida Guiné-Bissau não passa de uma mera abordagem figurativa dessa viatura. Um país rico, capaz de sustentar seus próprios filhos, uma nação rica em biodiversidade, recursos naturais e solo fértil, com imensa capacidade produtiva.

Ainda acredita-se no ditado que diz “a esperança é a última que morre”. O povo guineense está convicto de que os dias melhores estão por vir; em breve poderá haver um líder que encarne da característica, perfil, e os sentimentos de Amílcar Cabral. Se há esperança de que o sol continuará nascendo como sempre, também haverá esperança de que um dia nascerá um líder libertador dessa sociedade, que vai fazer ressuscitar os sonhos perdidos há quatro décadas.

REFERÊNCIAS

ABADIA, Danúbia Mendes. **Descolonizar as mentes e os corações**: São Paulo: Expressão Popular, 2013.

AFRICANAS, Coletivo de Mulheres. **Titina Silá e uma homenagem às feministas guineenses**. 2017. Disponível em: <http://www.pordentrodaafrica.com/cultura/titina-sila-e-uma-homenagem-as-feministas-guineenses>. Acesso em 15/04/2019.

ANDRADE, Ana Luíza Mello Santiago de. **Colonização na África francesa**. Disponível em: WWW. Infoescola.com/história/colonização-francesa-na-África. Acesso em 15/04/2019.

ARRUDA, José Jobson de Andrade. **História moderna e contemporânea**. 12 Ed. São Paulo: Ática, 1980.

AZEVEDO, Sandra Mara. **Conflito de geração na transformação do mercado de trabalho**: Curitiba, monografia: ano 2012.

BISSAURESISTE. **Blogspot.com; Grupo Bissau ResisteGalomaro@Sapo.PT**: <Acesso em 04 de janeiro de 2019>.

CARDOSO, Carlos. **A transição democrática na Guiné-Bissau**. Bissau: Revista Lusotopie, 1995.

CARVALHO, Ricardo Ossagô de. **Política externa e estado frágil na Guiné-Bissau: crises multidimensionais e o papel dos organismos internacionais “CPLP & CEDEAO” (1973-2014)**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2016.

CASSAMA; Daniel Júlio Lopes Soares. **Amílcar Cabral e a independência da Guiné-Bissau e Cabo Verde**. Araraquara: 2014.

DJAU, Malam. **Processo de Independência e a Formação do Estado Guineense**. Ceará, Edição, UFC, 2011.

HOBBS, Thomas. **Leviatã ou matéria, forma e poder de um Estado eclesiástico e civil**. São Paulo: Editora Martin Claret LTDA, 2015.

JAUARÁ, Manuel. **Conflito militar e construção de Estado nacional na África lusófona: de luta de libertação a guerra civil**.

MATOS, José. **O Início da guerra na Guiné (1961-1964)**. Lisboa: Editora revista militar n° 2566, 2015.

MELLO, De Vitor Andrade. **O esporte e as lutas anticoloniais nas colônias portuguesas na África: Amílcar Cabral**. Anais do XXVI simpósio nacional de história-ANPUH. SP, Julho 2011.

MENESES, Maria Paula G. O “indígena” africano e o colono “europeu” a construção da diferença por processos legais: Coimbra, ano 2010.

NEVES; José. **Ideologias, Ciência e Povo em Amílcar Cabral**: Rio de Janeiro, ano 2017.

Notícias. Sapo. CV/ **Vida-e-obra-de-Amílcar-Cabral**: < Acesso em 04 de Janeiro de 2019>.

PEREIRA, Analúcia Danilevicz. **A política africana de Cuba: idealismo ou pragmatismo**. Revista Brasileira de Estudos Africanos e-ISSN 2448-3923 | ISSN 2448-3907 | v.1, n.2, Jul./Dez. 2016 | p.112-123.

SÁ; Franklin Gomes Correia De. **Os sucessivos golpes militares no processo da democratização na Guiné-Bissau**: Porto Alegre, edição UFRGS, Ano 2010.

SELL; Carlos Eduardo. **Sociologia Clássica, Marx, Durkheim, e Weber**: 4. Ed. Petropolis, RJ: Vozes, 2013. - (coleção sociologia).

TAYLOR; Ian. **The International Relations of Sub-Saharan Africa**: St. Andrews, Reino Unido: 2012.

WALLERSNTEIN; Immanuel. **The Political of Independence and Unity**: Estados Unidos, Ed. Nebraska Lincoln, ano 2018.

WOOLLACOTT; John. **A luta Pela libertação nacional na Guiné-Bissau e a revolução em Portugal**: Lisboa, Revista, Análise Social, ano 1983.

SOBRE O ORGANIZADOR

NATALIA COLOMBO - Bacharel em Design de Moda (2015) e Mestre em Comunicação e Linguagens pela Universidade Tuiuti do Paraná (2018). Pós-graduanda no MBA em Comunicação e Marketing Digital pela Faculdade Estratégica e Discente no Curso Técnico em Administração pelo Instituto Federal do Paraná, desde 2020. Membro no grupo de pesquisas Tecnologias: Experiência, Cultura e Afetos (TECA) do PPGCom UTP/Curitiba desde 2017. Pesquisadora nas áreas de Moda, Comunicação, Consumo e Identidade. Experiente na área de Desenho Industrial, com ênfase em Planejamento e Desenvolvimento de Produto e Gestão de Comunicação com ênfase em Eventos Científicos. Atua como Social Media para empresas, profissionais liberais e conteúdo de blog pessoal.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Afeto 2, 43, 128, 134

Africanidades 38, 42, 43, 44, 46, 48

Alteridade 16, 54, 113

América Latina 3, 4, 14, 81, 84, 163, 169, 180, 181, 185, 187, 188, 190, 238

Antropologia 128, 130, 135, 138, 179, 195, 207, 235, 236

Arquétipos 116, 118, 119, 120, 122, 123, 124, 126, 134

Artes 60, 101, 114, 116, 117, 120, 125, 127, 178

C

Comunicação 57, 58, 63, 64, 69, 70, 126, 138, 142, 148, 150, 154, 156, 159, 161, 166, 181, 186, 190, 192, 194, 195, 207, 245, 260

D

Democracia 29, 37, 41, 49, 50, 52, 54, 56, 58, 59, 75, 79, 185, 224, 227, 254, 256

Dialética 1, 2, 6, 7, 8, 10, 11, 12, 13, 54, 57, 113, 161

Direitos das Mulheres 73, 77, 79, 81

Direitos Humanos 16, 17, 21, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 51, 52, 53, 54, 74, 78, 183, 191, 193

Discurso 4, 50, 56, 62, 63, 64, 72, 87, 92, 113, 127, 133, 147, 150, 195, 196, 197, 199, 200, 202, 203, 204, 206, 207, 217, 224, 227, 254

Diversidade 25, 26, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 35, 36, 37, 41, 42, 47, 55, 58, 63, 65, 68, 71, 79, 109, 150, 158, 163, 164, 198, 211, 239, 243

E

Educação 5, 13, 25, 26, 27, 28, 29, 31, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 47, 48, 49, 51, 52, 53, 56, 57, 61, 62, 63, 71, 72, 73, 75, 76, 83, 85, 91, 106, 122, 199, 202, 204, 220, 224, 236, 246

Emancipação Feminina 73

Ensino 15, 25, 26, 28, 29, 34, 35, 38, 39, 41, 43, 48, 50, 56, 59, 60, 62, 63, 65, 67, 68, 71, 90, 102, 104, 114, 125, 199, 208, 210, 220, 221, 222, 223, 224, 225

Escola 20, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 32, 33, 34, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 53, 55, 58, 62, 68, 71, 78, 90, 112, 147, 149, 179, 209, 210, 220, 221, 222, 223, 224

Estigma 116, 132, 134, 135, 138, 167, 170, 171, 176, 177, 178

Ética 11, 16, 19, 23, 24, 59, 83, 84, 103, 149, 178

Etnografia 38, 43, 48, 130, 135, 136

Eugenia 140, 146, 150

F

Formação Continuada 62, 63, 64, 65, 71

Fronteiras 56, 57, 72, 194, 200, 201

G

Geografia 147, 234, 235, 236, 238, 239, 240, 242, 243

H

História 1, 2, 7, 13, 14, 15, 17, 18, 19, 23, 34, 38, 40, 41, 42, 47, 54, 58, 61, 78, 80, 84, 89, 99, 114, 120, 122, 125, 134, 140, 141, 150, 161, 169, 185, 186, 187, 196, 197, 200, 202, 206, 207, 208, 210, 211, 212, 214, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 232, 235, 236, 240, 241, 248, 249, 256, 257, 258, 259

Homossexualidade 128, 131, 132, 133, 134, 138

I

Idosos 204

Inconsciente Coletivo 116, 118, 119, 120, 122, 123, 124, 126

Integração Social 55

J

Jornalismo 140, 195

Juventudes 49, 50, 54, 55, 60, 61

L

Ludicidade 38, 41, 42, 43, 46, 48

Lugares de resistência 38

M

Masculinidades 137

Movimento Migratório 180

Movimentos Feministas 73, 74, 75, 78, 79, 80, 81, 83

N

Negritude 115, 128, 130, 131, 134, 149, 246

O

Outsiders 167, 168, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178

P

Patriarcado 73, 74, 75, 76, 77, 80, 81, 83, 84

Pedagogia do teatro 114

Periódicos 126, 140, 141, 143, 145, 148

Plantas Medicinais 85, 86, 89, 90, 96, 97, 98, 99

Pobreza 3, 16, 17, 18, 19, 20, 23, 24, 25, 27, 34, 36, 37, 180, 189, 192

Propriedade da terra 226, 228

Q

Quilombo 142, 143, 234, 236, 237, 238, 239, 242

R

Racismo 32, 39, 40, 41, 47, 48, 53, 64, 104, 130, 131, 132, 133, 137, 140, 147, 148, 173, 246, 248, 257

Refugiados 180, 182, 183, 184, 185, 192, 193

S

Saúde 4, 5, 28, 31, 73, 83, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 106, 116, 150, 160, 163, 169, 170, 179, 180, 181, 190, 191, 204, 205, 206

Serviço Social 1, 2, 3, 4, 5, 6, 10, 11, 12, 13, 14, 15

Situação de rua 16, 17, 21, 22, 23, 24

T

Temas transversais 28, 208, 221, 222, 223

Teoria Marxiana 1

Território 22, 53, 104, 123, 146, 183, 184, 191, 200, 201, 202, 223, 225, 229, 231, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 246, 247, 248, 252, 254, 255

V

Violação 16, 17, 21, 23, 26, 148, 183

Ciências Humanas: Afeto, Poder e Interações

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Ciências Humanas: Afeto, Poder e Interações

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 